

60 anos de Auschwitz e o nazismo redivivo

LUCIANO CAVINI MARTORANO*

Há 60 anos, em 27 de janeiro de 1945, os soldados soviéticos encontravam no maior campo de concentração nazista – Auschwitz, já abandonado pelos oficiais de Hitler –, pouco mais de 7.600 sobreviventes. Destes poucos, em um lugar onde foram assassinados mais de 1 milhão de pessoas, incluindo mulheres, idosos e crianças – do total de mais de 6 milhões de mortos, na maioria judeus, em campos de extermínio –; mais da metade morreria nos dias seguintes, apesar de todo o esforço dos médicos soviéticos, pois se encontravam praticamente desfalecidos.

Hoje, a maioria do povo alemão considera o nazismo como a página mais amarga de sua história. Mas isso não significa que todas as suas conseqüências estejam resolvidas. Alguns exemplos recentes mostram como a herança nazista ainda se faz presente na Alemanha:

– Na sexta-feira anterior ao 27 de janeiro, no parlamento do Estado da

Saxônia, toda a bancada do NPD (Partido Nacional da Alemanha), de reconhecida inspiração nazista, se retirara da sessão plenária no momento em que era prestado um minuto de silêncio em memória das vítimas do Estado nazista. A seguir, tal bancada exigiu que fosse prestada a mesma homenagem para as vítimas dos aliados, ou seja, para os alemães que lutaram sob o comando de Hitler. No estado de Brandemburgo, a representação parlamentar de outra organização neonazista – a DVU, “União do Povo Alemão” – também superou a barreira dos 5% dos votos como condição necessária para o acesso ao legislativo. Os dois estados faziam parte da antiga RDA, onde o índice de desemprego é o dobro em relação ao do oeste alemão – oficialmente de cerca de 9%, mas podendo chegar ao dobro, conforme matéria da revista *Wirtschafts Woche* –, fato que contribui para que os alemães do leste se sintam, 15 anos após a reunificação da

* Luciano Cavini Martorano é doutorando pelo IUPERJ e, atualmente, desenvolve pesquisa na Universidade JW Goethe/Frankfurt am Main.

Alemanha, como “cidadãos de segundo classe”, na expressão do Ministro-Presidente de Brandenburgo.

– Mas não é apenas nos “novos estados” da República Federal da Alemanha que os neonazistas conquistam maior influência política. Na antiga capital alemã, em Colônia (Köln), a organização “Pró-Colônia” conseguiu, nas eleições municipais de 26 de setembro de 2004, 4,7% dos votos, garantido assim a presença de quatro de seus membros na câmara local. Uma de suas principais bandeiras tem sido a luta contra a construção de uma mesquita na cidade, que seria o centro de oração dos muçulmanos de origem turca. Fato que se repete em outras cidades, e que levou a esquerda alemã a utilizar um novo termo: “islamofobia”, que estaria presente inclusive na posição inicialmente adotada pelo maior partido do país, a CDU – União Democrática Cristã –, contra o início das negociações para o futuro ingresso da Turquia na União Européia.

– Na sua edição de 27 de janeiro, a revista Stern, uma das mais conhecidas na Alemanha, publicou matéria de capa com o título: “Ainda nos devemos sentir culpados [por Auschwitz]?”. Num indisfarçável apelo ao esquecimento público, e como se o nazismo fosse apenas uma questão moral – de culpa –, e não de responsabilidade política e histórica.

– No mesmo dia, o jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, sugeria que esse episódio da história do país não poderia mais ser objeto de confronta-

ção política, e que apenas os sobreviventes diretos do holocausto teriam autoridade para discutir o assunto.

– Recentemente, um dos maiores canais da TV alemã, o ZDF, exibiu uma série de episódios dedicados aos mais íntimos colaboradores de Hitler, e, excetuando os grandes políticos nazistas (Goebbels, Himmler etc.), para os demais a pergunta final era sempre a mesma: “Fernand Porsche (ou Alfred Krupp, por exemplo) foi um nazista ou um profissional buscando realizar o seu trabalho?”. Pergunta no mínimo estranha sobre pessoas que se envolveram diretamente com a produção militar durante a Segunda Guerra Mundial, que envolveu também as conhecidas marcas IG Farben, Bosch, Degussa, Siemens e outras; todas elas apoiaram Hitler até o fim, e se utilizando cada vez mais do trabalho forçado dos prisioneiros de guerra.

Tais exemplos talvez ajudem a entender o sucesso de “crítica” e de público do filme alemão *O Naufrágio (Der Untergang)*, exibido no ano passado e indicado ao *Oscar* de melhor filme estrangeiro em 2005.

Segundo a versão dominante nos órgãos de comunicação, o “mérito” do filme estaria no êxito em ter conseguido mostrar Hitler, em seus últimos dias antes do suicídio, como um “ser humano”.

Resumindo: a questão do passado nazista ainda não foi resolvida na Alemanha, como alguns poucos por aqui insistem em afirmar. Daí a importância de se lembrar de Auschwitz.

MARTORANO, Luciano Cavini. (Nota em homenagem a 60 anos de Auschwitz e o nazismo redivivo). *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.20, 2005, p.196-197.

Palavras-chave: Homenagem; Auschwitz; Nazismo.